



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA
RITA

O SEculo

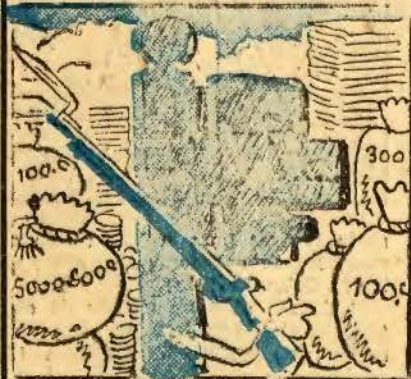
A Ilusão da Fechadura

Por LAURA CHAVES
Desenhos de A. CASTAÑE

Certa família abastada,
senhora de bons dobrões,
passava a vida ralada
com receio dos ladrões.

Lá no lugar, pelos modos,
diziam, à boca cheia,
que tinham dinheiro a rodos,
um famoso pé de meia.

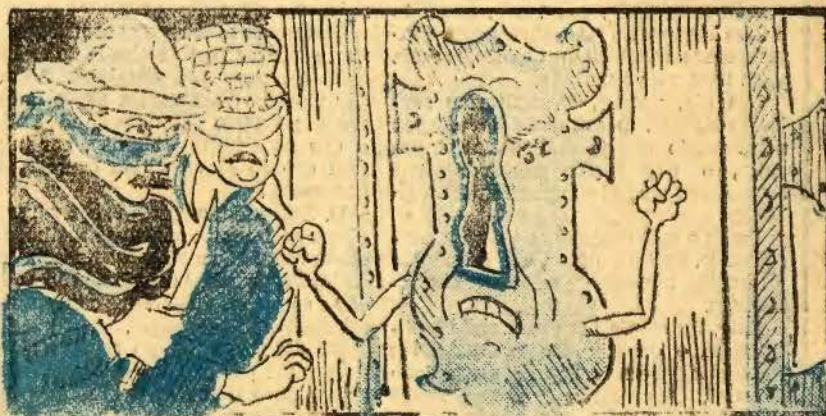
Mas como quem conta um conto
— o ditado assim o diz —



acrescenta sempre um ponto,
em breve o soube o país.

Suscitou, naturalmente,
muita inveja e azedume
e cortavam nessa gente,
como é uso e bom costume.

Perante os boatos falsos,
a família — estás a ver —
para fugir a percalços
tratou de se defender.



Mandou comprar à cidade
a fechadura ideal,
que dá mais segurança,
a celeberrima «yale»,
para a pôrem no portão
onde havia uma disforme,
de escudete de latão,
e uma chave imensa, enorme!

Quando a velha fechadura
soube que a iam tirar,
sentiu tamanha amargura
que desatou a berrar:
— Já não há patriotismo,
trocam-me por uma inglesa!
Que ingratião, que cinismo!
Sou velha, mas portuguesa! —

E quando a outra avistou,
loira, fraca, um alfenim,
logo a velha resmungou:
— Que tal está o Benjamim!

E vão pô-la em meu lugar
para evitar os ladrões!

Deve ir de pernas ao ar
se levar dois safanões!

Emquanto os bens lhes guardei,
dei-lhes vida sossegada,
ninguém disse: aqui del-rei,
nunca ninguém roubou nada.

Eu sou velha, sou jarreta,
mas isso pouco me importa,
se tenho forte lingueta
e fecho, com força, a porta.

Cheira de longe a tramóia
essa fraca criatura.
Lembra-me mais uma jóia
que uma boa fechadura.

Não julgue que me desbanca
por ter chapinha a luzir!
Eu e mais a amiga tranca
temos muito inda que rir.

(Continua na página 8)



D. SALTARICO NEURASTÉNICO

Por ZE D'ALDEIA desenhos de CASTAÑE

ERA uma vez um casal de saltaricos africanos que, no meio das selvas, vivia feliz e contente.

Na fertilidade desse solo virgem, que um sol de fogo beijava sofredamente, onde, por vezes, se ouvia o úivo lúgubre do leão, encontrava o interessante casal tudo quanto carecia para uma vida regalada.

Um dia, porém, D. Saltarico sentiu-se doente. O seu mal-estar chegou a tal ponto que já mal podia dar um salto, o que trazia profundamente apreensiva sua fiel companheira D. Saltarica.

Como o mal progredisse, foram consultar D. Saltarico-Mór, que era muito entendido nas doenças dos seus semelhantes.

Este, depois de ter examinado atentamente o doente; depois de lhe ter tomado a pata e verificar a sua tenção arterial, diagnosticou-lhe uma grave neurastenia, para a qual só via um remédio: — vir a ares até Portugal.

D. Saltarica, que queria do fundo da alma ao seu companheiro, resolveu partir no dia seguinte, mas o sol despontava para as bandas do oriente. E foi num vôo felicíssimo, por uma manhã perfumada de primavera, que o interessante par se pôs a caminho. A breve trecho encontraram, no mar alto, um grande navio, em cujo mastro se quedaram, com as provisões que levavam consigo.

Andaram muitos dias e noites, até que, numa madrugada em que o sol

parecia um topázio imenso engastado no azul puríssimo do céu, chegaram a Lisboa.

Num vôo corajoso, disseram adeus ao imponente barco e foram admirar, dum alto, a imponência da cidade de mármore e granito.

Quando se sentiram cansados, poisararam sobre a elegante cúpula do Coliseu dos Recreios. Era domingo. Através dos vidros viram muita gente lá dentro e no circo palhaços dando saltos, o que os admirou imenso, por julgarem que só eles podiam exercer essa acrobacia!

D. Saltarico, a quem tanta surpresa alegrava imenso, sentiu-se melhorar a olhos vistos. Quando a *matinée* acabou, saltaram para a Avenida da Liberdade, onde se foram munir, nos canteiros, do alimento indispensável.

No dia seguinte, ao romper d'alva, decidiram partir para o Norte, tendo escolhido o Douro para residência oficial, devido ao seu clima inconfundível, ao sabôr dos seus frutos, das suas deliciosas uvas e seus panoramas de sonho. E pararam, após um dia de viagem no tombadilho do rápido, na Régua, onde de novo se encarrapitaram no caminho do Vale de Vouga, que os trouxe a Portelo de Cambres.

Como chegassem com sede e sabendo da fama das nossas águas radioactivas, ali foram desalterar-se, tendo D. Saltarico notado, com surpresa, que o seu sistema nervoso recebera, com essa ablução, um benéfico impulso!

Depois foram a S. Brás, donde se avista um dos panoramas mais impressionantes de Portugal, e ali fixaram residência, no meio duma linda vinha que, com os seus bardos simetricamente alinhados, parecia um jardim encantado, no qual a verdura dos pámpanos floridos, lembrava rendas infindas, caprichosamente tecidas por delicadas mãos de fada.

— «Que Paraíso!» disse D. Saltarico à sua fiel companheira, e como eu me



sinto reviver hora a hora! Não sei como hei-de agradecer ao grande sábio D. Saltarico-Mór!

E davam ambos pulinhos de contentamento, agradecendo, aos seus deuses, a ventura duma cura tão rápida.

Já se tinham passado quinze dias. D. Saltarico e a companheira, engordavam a olhos vistos. Nunca na sua vida tiveram mesa tão farta, ares tão puros, águas tão cristalinas.

Um dia, porém, o dono da quinta, começou a sulfatar as suas vinhas.

E D. Saltarico, que não conhecia o sulfato de cobre, com que se curam as vinhas, bebeu, numa fôlha, uma gotinha.

Valeu-lhe a imprudência uma forte indigestão, que lhe poderia ser fatal, se D. Saltarica o não rodeasse de carinhos e cuidados.

Passados dias, o dono da quinta começou a enxofra. D. Saltarico, não



O ELEFANTE e os MOSQUITOS

Fábula por GRACIETTE BRANCO

CERTO dia, um elefante,
passando num areal,
resmungava, triunfante,
com sua voz gutural,

vendo, em vôos inocentes,
quatro mosquitos pequenos,
com azinhas transparentes,
em vôos curtos, serenos :

— «Pobres mosquitos, que vejo,
em minha volta, a voar...
apenas o meu bafejo
os faz cair e rolar...»

Só a mim, nada molesta,
nada me serve de alarme...
vivo sempre em grande festa
ninguém pode incomodar-me...»

E o toleirão, imponente,
satisfeito e majestoso,
caminhava, sorridente,
com seu passo vagaroso...

Porém, de súbito, deixa
de ver tudo que o rodeia...
solta um lamento, uma queixa,
e, trôpego, cambaleia...

Sente picadas na tromba
e ouve um tilintar de sinos...
— Tolo elefante, que zomba
da força dos pequeninos!...



Ais e gritos ele solta...
— «O que estou eu a sentir?!
O que é isto em minha volta
que não me deixa seguir?!»

Chegou o fim. Vou morrer!
Mas quero ver se consigo
abrir os olhos e ver
meu poderoso inimigo!»

(Continua na página 8)

vamente, e contra a advertência cautelosa da sua companheira, esteve em riscos de morrer sufocado.

Nesses momentos, a sua selva, onde o sol ardente põe rutilações de incêndio, onde o leão ruga com fragor e a natureza é rude mas sincera, veio-lhes à mente, as saudades do seu lar natal, e abreviaram a partida.

Numa manhã deliciosa de Junho, lá se foram de longada, no tejadilho do rápido da manhã. Ao chegarem a Lisboa, dirigiram o seu vôo para o cais da Companhia Nacional de Navegação e tomaram lugar no mastro dum vapor que nesse dia partia para a sua pátria querida.

Chegados all, foram logo agradecer

ao D. Saltarico-Mór, a quem disseram que vinham encantados com o que tinham visto.

E no fim da sua narrativa, D. Saltarico teve esta frase: — «Portugal é muito lindo, não resta a menor dúvida, mas a nossa querida Africa, não é menos.

F I M



O JOÃO do CALDEIRÃO

Por LEONOR DE CAMPOS
Desenhos de A. CASTANÉ

CAÍN! cáin! Bêu!... Bêu!...
— Miau... Pff!...
— Có-ró-ri-có! Có-ró-ri-có!...
— Gru-gru-gru-gru!...
— Piu-piu-piu!...

Todas as manhãs, todas as tardes, a toda a hora o concerto de lamentações da bicharada era impressionante.



Os gatos, os cães, as galinhas, perús e pintos andavam numa dança.

O João era mau, mau como um batalhão de cobras. Nada havia que o fizesse desistir de fazer mal aos animais. Se apanhava qualquer bicho a jeito, o pobresinho era obrigado a mostrar logo as habilidades. Animal que o João agarrasse tinha de praticar todos os sports: — saltos em altura, saltos em comprimento, natação, patinagem, etc, etc. E aí daquele que se recusasse. Sofria, então, o martírio supremo, que consistia em ser metido num caldeirão bem cheio de água, que o João escondia a um canto do pátio. Se não se afogasse, o que em geral acontecia, o desgraçado bicho não ficava com muita saúde.

Mas como todos os maus tarde ou cedo são castigados, sucedeu que ao João também chegou o seu castigo.

Vivia nos forros da casa uma grande família de ratos sábios: rato pai, mãe ratazana e numerosos ratinhos e ratões de todos os tamanhos.

Andavam indignadíssimos com o procedimento do malvado, tanto mais que a família ratácea fora já cem vezes atingida... O gata estava ausente, devido ao tratamento que andava a fazer no seu médico, para curar uma enorme constipação apanhada no caldeirão. Reunida a família

rata sábia em assembleia geral, o rato pai tomou a palavra:
— « Senhora ratazana, minha esposa...

Ratos, ratinhos e ratões:

Reunimo-nos hoje, nesta distinta assembleia, para resolvermos acerca dum caso que muito tem preocupado o meu inteligente cérebro de pai de família e chefe de todos vós... »

(Como se vê, o rato não era nada modesto...)

Depois, o rato continuou:

— « E, meus queridos, cheguei a esta conclusão:

Se não tentarmos, por todos os meios ao nosso alcance, acabar com as maldades do João do Caldeirão, dentro em pouco não restará um único membro da nossa importante família... »

Entreolharam-se todos, aterrados.

— « E como fazer? » — perguntou um deles, em voz trémula.

— « Aí é que está a dificuldade. Qualquer de nós, sem precisarmos grandes estudos, compreende a linguagem e os gestos do homem. Mas, como sabels, não se dá o inverso. O homem é, essencialmente, estúpido e ignorante... »

— « Bis, bis!... » — aprovou a assembleia em coro.

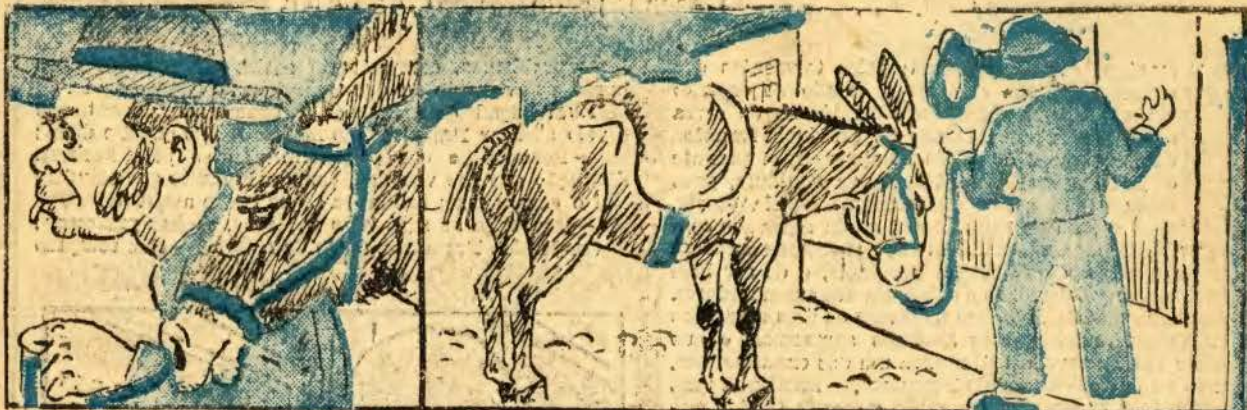
— « Estão proibidas as repetições... Além disso temos que agir sem demora. Cumpre-nos, pois, encontrar um meio pelo qual nos façamos compreender do tal malvado. Temos que mostrar-lhe que é péssimo o caminho que tomou. Lembrei-me, pois, do seguinte. Irmos todos ter com êle. Vendo uma família tão numerosa de ratos dirigir-se-lhe corajosamente, êle, de certo, compreenderá que se trata de qualquer facto anormal. Nessa altura entro em cena e de qualquer forma lhe mostrarei o bom caminho... Valeu? »

— « Apoiado!... Apoiado!... » — Gritaram os ratos nuns hi hi tremellicados, mas sem se atreverem a contrariar o chefe.



"Zé Tachado" e o seu burro

Desenhos de A. CASTANHE



I — O saloio Zé Tenório, por alcunha o «Zé Tachado», tinha um burro, o Jáu, notório por ser muito avantajado e extremamente finório.

II — Um dia, a meio caminho, cansado de dar à perna, prende a uma argola o burrinho, e entra numa taberna, a-fim-de provar o vinho.



III — Entanto, um garoto mau que passava, ali pertinho, com um burrinho de pau, resolve levar o Jáu, deixando em troca o burrinho.

IV — Mas, nisto, aparece o nosso «Zé Tachado» que, sem tino, exclama com alvoroço: — «O burro parece fino!... Será por eu estar «grosso»...?»

— Nêsse caso... a caminheiro!... E aconteça o que acontecer, nada de descreções!...

O João estava nessa altura junto ao caldeirão, muito entretido com um pobre patinho, que não tinha querido saltar o arco.

Ao ver aquêla formidável família, ficou surpreendido.

— Que diacho quererá esta gentinha?



E mais admirado ficou quando se viu rodeado por todos os lados e avançar um enorme rato:

—Hi hi hi, hi hi hi, hi hi hi. Hi hi hi...

Não pôde dizer mais. O João, numa fúria, desesperado com aquêlre atrevimento, agarrou brutalmente no pobre bicho e zás... atirou-o para o caldeirão. Depois, sempre desesperado, apanhava ratos às mãos

TRIUNFO MERECIDO

Por J. F. S. — Desenhos de A. CASTAÑE

Os meninos que já passaram pelos tormentos dos exames, poderão calcular o estado de espírito em que se encontrariam dois jôvens de cerca de dezasseis anos, vindos da provincia francesa de Perpignan, os quâis compareceram perante o júri da escola politécnica de Toulouse, para fazer o seu exame de admissão àquela escola. Esse estado de espírito era ainda agravado com a circunstância de ser a primeira vez que se apresentavam a exame condiscípulos daquela provincia, e de ser bem conhecida a meticulosidade e exigência dos examinadores. Os condiscípulos de Toulouse troçavam os dois mancebos provincianos, dirigindo-lhes amargos sarcasmos, o que bastante incomodava e intimidava um dos examinandos. Quanto ao outro — chamado Francisco, — mantinha uma grande calma, esperando, tranqüillo, e seguro de si, o momento de ser chamado e interrogado.

Decorrido algum tempo, foi o companheiro de Francisco sujeito a exame mas, devido à maneira ríspida como o interrogaram e à sua disposição, criada pelos motejos dos camaradas, atrapalhou-se, ficando reprovado.

Coube depois a vez a Francisco. Ao responder à chamada, o mestre que, por sinal, era o célebre matemático Monge, dirigiu-lhe esta observação:

— Se as suas respostas vão ser idênticas às do seu colega, melhor será desistir do exame.

— Senhor professor — (replicou Francisco) — o meu colega sabia mais do que respondeu, mas a timidez impediu-o de dar melhores provas.

— A timidez é a desculpa dos que não sabem... Desejo evitar-lhe a vergonha da reprovação; aconselho-o, por isso, a desistir — respondeu o mestre.

— Nunca! — senhor professor. O vosso dever é interrogar. Interrogal-me, pois.

Começou o exame. Para início, o examinador apresentou-lhe um problema de geometria, algo difícil, ao qual Francisco respondeu de maneira a satisfazer, completamente, o exigente professor. Veiu, depois, um não menos complexo problema de álgebra. Para resolver a sua equação, o mancebo indicou, durante uma hora, todos os métodos conhecidos. Essas e outras respostas, comprovativas

esses problemas, completando assim o espaço de duas horas e um quarto em que trabalhou no quadro preto.

Num impulso espontâneo, o examinador levantou-se e veio abraçar Francisco, ao mesmo tempo que lhe dizia:

— Permita-me que o felicite não só pela honrosa distinção que lhe vou dar, como pelo muito que estudou. Foi o exame mais brilhante a que tenho assistido.

— Agradeço as suas boas palavras, senhor professor! — (respondeu Francisco, cheio de alegria) — eles compen-



sam-me dos sarcasmos que ouvi aos meus camaradas de Toulouse, e constituem uma reparação à minha provincia.

— Que colégio frequentou?

— Nenhum, senhor professor. Aprendi sozinho todas as ciências matemáticas.

— Sozinho? — perguntou, admirado, o examinador.

— Sozinho. Meus pais mandaram vir de Paris os melhores tratados do género; por meio deles, e com o maior desejo de vencer, consegui o que sei, após um ano e meio de estudo. Durante esse tempo aprendi, ainda, esgrima, música, equitação e dança.

— Aprendeu tudo isso sozinho em um ano e meio? Mas é simplesmente admirável o seu exemplo de tenacidade! Sabeis mais do que manda o programa... Mancebos — (concluiu o senhor Monge, voltando-se para todos os examinandos e apontando Francisco) — os que tiverem este colega por condiscípulo na nossa escola, devem sentir-se orgulhosos. Prevejo que êle sobressairá entre vós.

Efectivamente, o jôvem honrou a escola que o admitiu como aluno. Passados apenas quatro anos, foi nomeado secretário do observatório e em seguida encarregado de ir a Espanha, juntamente com o grande astrónomo francês Biat e o sábio espanhol Rodriguez, para terminar o difícil trabalho da medição do arco do meridiano terrestre, que serviu de base ao novo sistema métrico.

Para o conseguimento dessa missão, Francisco passou durante dois anos em Espanha, as mais extraordinárias e movimentadas aventuras, em muitas das quais a sua vida correu perigo.

Após a sua chegada, a Espanha declarou guerra à França o que, como era natural, trouxe grandes prejuizos ao sábio, que chegou a estar prêso, acusado de espião, e prestes a ser fusilado. Graças, porém, ao seu espírito tenaz, sangue-frio e decidida coragem, conseguiu chegar são e salvo a França, salvando com êle os valiosos documentos da expedição, que o immortalisaram como homem de character e cientista natural.

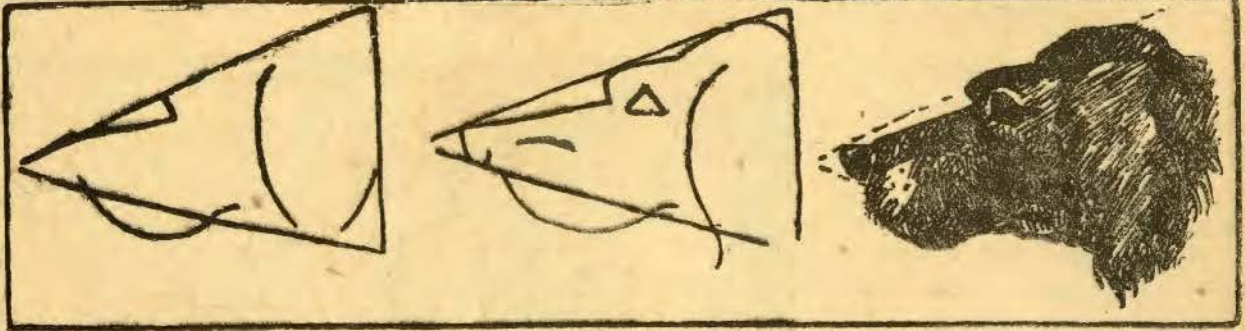


de um verdadeiro conhecimento das matérias, mudaram em absoluto o critério do mestre a respeito do examinando, manifestando-se ante as suas provas excepcionais:

— O vosso exame terminou — declara o senhor Monge. — Contudo, gostaria que me concedesse o favor de responder a dois problemas que vou expor-lhe.

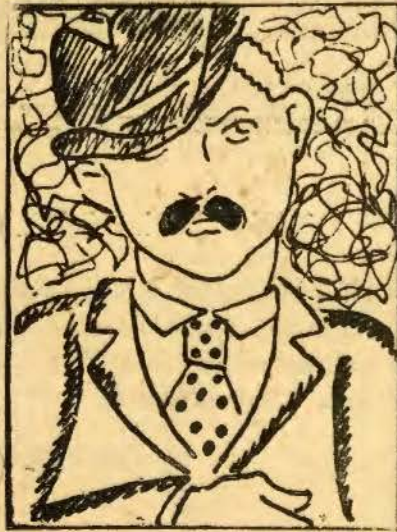
Sem nenhuma dificuldade, Francisco resolveu, também,

Lição de desenho



Como se desenha um «Terra Nova»

A DIVINHA



Meus meninos: Este sujeito costuma jogar o dominó com o seu compadre. A última vez perdeu por falta de uma quina. Mas nós sabemos onde ele a tinha sem o saber. Vejam se descobrem.

Qual a cousa, qual é ela?...

I

Sou fruta, sou molengão,
sou velho amigo também;
no masculino, porém,
sou sopapo ou cachação.

II

Entre montanhas estou,
sou um documento à prova
e apelido; porém, sou,
no feminino, uma cova.

Solução das anteriores: — I
Manga II — Fonte III — Gato.

CHARADAS EM FRASE

O menestral *trova* junto ao *riacho*
sobre uma *pedra*. — 2-2
No *limite* desta *fita de medir* está
este *instrumento*. — 2-2
Este *tanque d'uvas* gera uma *doença*
proveniente dum *pequeno reptil*. — 2-2
Este homem *isolado* soltou um *grito*
batendo o pé no *chão*. — 1-2

Solução das anteriores: I, Beladona.
II, Filosofia. III, Heroicidade. IV,
Monograma.

+ to — Exclamação verbal,
+ na — Nome de mulher,
conceito: — Casa

+ le — Filhos.
+ bo — Fala.
+ ca — Calçada lisboeta,
+ co — Vazio.
conceito: — Adágio

+ ma — Leito.
+ co — Bocado.
+ ta — Nome.
+ co — Vazio.

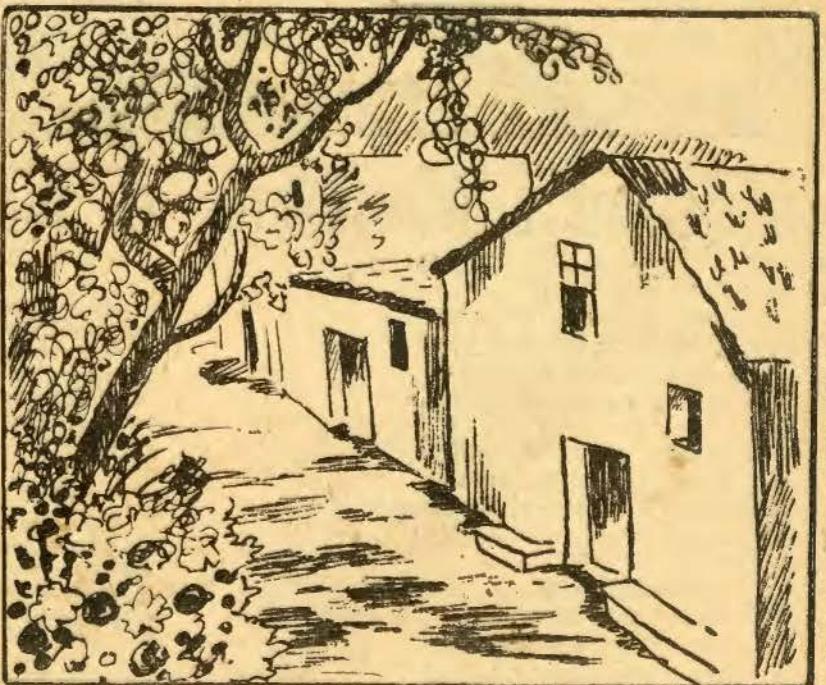
conceito: — Pássaro

CHARADAS COMBINADAS

+ la — Beça de aço ou arame.
+ lo — Crivo.

Solução das anteriores: I, Romaria.
II, Gabarola. III, Prateleira. IV, Ca-
valaria. V, Marcenaria. VI, Ordinário

PARA OS MENINOS COLORIREM



Junto da família, recomeçou a sua vida de estudioso. Apreciado e homenageado em todo o mundo, como um dos maiores astrónomos da época (1803), foi admitido sócio da Academia de Ciências de Paris, e nomeado director do Observatório, e professor da Escola Politécnica, aquela mesma onde, com 16 anos, entrou como simples aluno, depois de um exame brilhante que obrigou o próprio

examinador a descer da sua austera cátedra para o felicitar e abraçar.

Verdadeiro triunfo alcançou este mancebo que jámais conheceu o desânimo e a ociosidade.

Chamava-se Francisco Arago.

A Ilusão da Fechadura

(Continuação da página 1)

Porque já ouvi dizer
que a pobre tranca, também,
para o sótão vai viver,
pois cabimento não tem
junto dessa nobre dama,
que ela supre tudo, a eito!
Já lhe sabemos a fama,
vamos a ver o proveito.



Quando virem arrombada
essa dama de oiro e aço
e a massa tôda roubada,
verão a falta que eu faço.

Foi mudada a fechadura,
ninguém a casa assaltou.

tudo na mesma inda dura
e a vida continuou.



Há quem julgue e julgue mal
ser, assim, insubstituível;
pois nesta vida, afinal,
nada é imprescindível.

Laura Chaves

■ F I M ■

O ELEFANTE E OS MOSQUITOS O João do Caldeirão

(Continuação na pág. 3)

(Continuação na pag. 4)

Abre os olhos, com pavor,
exclamando em altos gritos:
— «Foi castigo do Senhor!
Sou vítima dos mosquitos!»

Realmente, era uma praga
de mosquitos venenosos...
Tinha a tromba numa chaga
com dois sulcos dolorosos!

— «Perdão!—(gemia)—Perdão!
fui bastante castigado!
Não torno a ser fanfarrão,
que é muito feio pecado.»

Amiguinhos pequenitos:
— eis uma lição flagrante,
em que um soberbo elefante
foi vencido por mosquitos.

F I M

cheias e atirava-os também para o fatídico caldeirão.
Quando deitou lá dentro o último rato, porque em obediência á vontade do do chefe nenhum desertara, esfregou as mãos e riu satisfeito.

Mas não esperava o que então sucedera. O rato pai, conseguindo vir á tona da água, gritava em tom de comando:

— «Beber... água!...»

Num minuto, toda a água desapareceu. E no momento em que o João se debruçava para o caldeirão a fim de gosar a sua obra, toda aquela família lhe saltou á cara. E de tal forma lhe roeram o nariz e as bochechas, que o desgraçado, sempre perseguido, largou a fugir... e só parou em Vila Nova de Parada...

ERRATAS

Os contos que publicámos no nosso número anterior, intitulados: — «Fazanhas do Galo Cantor» e «O Arrependimento do Vilão-Ruim», são, respectivamente, da autoria de Virginia Lopes de Mendonça e de José Augusto do Vale, e não como, por lapso tipográfico, erradamente saíu.